

# A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM GUIA DE MÉTODOS PARA FLAUTA DOCE

*Patricia Michelini Aguilar*<sup>1</sup>  
EM/UFRJ  
patriciamichelini@musica.ufrj.br

*Luiza Magalhães Mesquita*<sup>2</sup>  
EM/UFRJ  
mesquitaluizam@gmail.com

*Anderson Tiago Silva Rodrigues*<sup>3</sup>  
EM/UFRJ  
andersonrodrigues966@gmail.com

## RESUMO

Durante a realização do projeto de extensão Flauta doce em Sistema (UFRJ), relacionado ao ensino de flauta doce, foi proposta uma atividade coletiva cujo objetivo era elaborar um guia de métodos para flauta doce, brasileiros ou traduzidos para o português. A atividade foi proposta pela docente responsável, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Michelini Aguilar, e operacionalizada pelos monitores do projeto, Anderson Tiago Silva Rodrigues e Luiza Magalhães Mesquita. Nesta comunicação, será apresentado o processo de realização do guia, que compreendeu discussões e escolhas dos meios utilizados para coletar dados, gerenciamento dos participantes e de suas tarefas, definição dos aspectos abordados nas análises dos métodos, coleta e análise dos dados, definição do formato final do guia, dificuldades e soluções encontradas e os resultados obtidos. Pretende-se demonstrar que a produção do guia, realizada de forma coletiva e inteiramente on-line, se constituiu em uma atividade inovadora e bem-sucedida em seus objetivos, gerou visibilidade a publicações pouco conhecidas sobre flauta doce e foi integralizada de maneira a permitir constantes atualizações.

**Palavras-chave:** Flauta doce; Métodos; Ensino; Extensão universitária; Aprendizagem cooperativa;

## INTRODUÇÃO

No início de 2021, foi realizado o projeto de extensão Flauta doce em Sistema, vinculado à Escola de Música da UFRJ, reunindo docentes e estudantes de todo o Brasil interessados em conhecer e discutir estratégias de ensino de flauta doce. Os encontros semanais

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Flauta Doce da Escola de Música da UFRJ.

<sup>2</sup> Licencianda em Música na Escola de Música da UFRJ.

<sup>3</sup> Mestrando em Música pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Música (PROMUS) da Escola de Música da UFRJ.

foram realizados no formato on-line, por meio da plataforma *Google Meet*, e os conteúdos relacionados às apresentações estiveram disponibilizados em uma sala de aula virtual.

Em sua palestra de abertura, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Michelini Aguilar, docente responsável pelo projeto, apresentou alguns métodos de flauta doce comumente utilizados no Brasil, falando sobre os autores e autoras, sobre as circunstâncias da criação de cada um deles, como foram recebidos, suas principais características e os motivos pelos quais são usados até hoje. Na ocasião, foi constatado que vários participantes do projeto não conheciam em detalhes estes métodos tradicionais, tais como os de Helle Tirlor, Maria Aparecida Mahle, Helmut Mönkemeyer, Judith Akoschky e Mário Videla, dentre outros.

Na medida em que os encontros foram acontecendo, possibilitando a interação entre os palestrantes, participantes e mediadores, foi ficando evidente que o Brasil dispõe de uma grande diversidade de métodos para flauta doce, com diferentes propósitos, estratégias, atendendo a públicos de faixas etárias variadas, com abordagens distintas da técnica e do repertório didático e artístico. Porém, fatores como distribuição restrita dos livros, divulgação precária pelas editoras, esgotamento das edições, ou mesmo o pouco engajamento e participação de alguns autores nas redes sociais, por razões diversas, dificultam muito a circulação desses métodos a nível nacional. Soma-se a isto o fato de muitos deles terem sido pensados para contextos bastante específicos, sem que houvesse pelos autores a pretensão de que fossem utilizados em outros ambientes.

A ideia de um guia surgiu, então, como uma tentativa de reunir informações sobre parte deste material e tornar acessível a um maior número de interessados. A proposta não era a de fazer um *ranking* de métodos, mas sim reunir em um único lugar referências de métodos para flauta doce disponíveis no país. A posterior disponibilização pública do guia, via redes sociais do projeto, permitiria a docentes e interessados conhecer e escolher os métodos que melhor se adequariam às suas práticas, já que cada um e cada uma sabe de suas necessidades pedagógicas.

Sendo uma tarefa trabalhosa e complexa, consideramos que a melhor maneira de cumpri-la seria por meio de trabalho coletivo, em que os próprios participantes do projeto pudessem analisar e escrever suas impressões sobre os métodos selecionados. Assim, foi apresentada aos participantes uma proposta de atividade cooperativa, prontamente aceita por todos, na qual eles próprios ficariam responsáveis por analisar e informar dados objetivos sobre métodos selecionados.

Entendemos que a natureza da atividade caracterizou-se como cooperativa de acordo com a conceituação dada por Moraes e Barbosa a este tipo de aprendizagem/abordagem:

Esta pode ser concebida como uma metodologia de trabalho sistemático que parte da organização de pequenos grupos heterogêneos, em que os alunos desempenham diferentes papéis e trabalham de forma conjunta e coordenada, com a intenção de resolver tarefas acadêmicas e de aprofundar sua aprendizagem. (MORAIS & BARBOSA, 2021, p.26)

Torres e Irala enfatizam a distinção entre Aprendizagem Colaborativa e Aprendizagem Cooperativa. Segundo os autores:

Na colaboração, o processo é mais aberto e os participantes do grupo interagem para atingir um objetivo compartilhado. Já na cooperação o processo é mais centrado no professor e orquestrado diretamente por ele. Trata-se de um conjunto de técnicas e processos que os alunos utilizam com uma maior organização dentro do grupo de estudo para a concretização de um objetivo final ou a realização de uma tarefa específica. É um processo mais direcionado do que o processo de colaboração e mais controlado pelo professor. (TORRES & IRALA, 2015, p.68)

Em nosso entendimento, a construção do guia precisava de um direcionamento claro por parte da coordenadora do projeto, a fim de que as informações sobre os métodos seguissem um roteiro comum. Além disso, considerando que o projeto de extensão onde a atividade foi desenvolvida não havia estabelecido pré-requisitos para ingresso dos participantes, o grupo era bastante heterogêneo, com a presença de professores experientes, professores em início de prática pedagógica e estudantes de flauta doce. Assim, a proposta de uma atividade de aprendizagem cooperativa se mostrou mais adequada que a colaborativa. Nas palavras de Torres e Irala (2015, p.69), “ambas as práticas enfatizam uma maior responsabilização dos aprendizes no seu processo de aprendizagem, colocando-os como partícipes na construção do conhecimento”.

O processo de realização do guia compreendeu as seguintes etapas: escolha dos métodos a serem analisados; escolha dos meios utilizados para coletar dados; gerenciamento dos participantes e de suas tarefas; definição dos aspectos abordados nas análises dos métodos; coleta e análise dos dados; definição do formato final; finalmente, definição da estratégia de divulgação. Todas estas etapas foram amplamente debatidas entre docente e monitores e serão relatadas a seguir.

## **1. PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO GUIA**

### **1.1 SELEÇÃO DOS MÉTODOS**

Após a adesão dos participantes à ideia de criação do guia, propusemos uma lista inicial de métodos e pedimos que os mesmos indicassem outros que conheciam, para então fazermos

uma seleção. Dois parâmetros foram estabelecidos neste processo: que os livros estivessem editados e em língua portuguesa, o que permitiu a inclusão de métodos estrangeiros traduzidos. A lista totalizou 33 métodos, considerando que o eventual desdobramento em mais de um volume foi contabilizado como um único título.

Métodos		
Indicados	Analizados	Autor
Cada dedo cada som	✓	Tereza Castro
Cada som cada música	✓	Tereza Castro
Caderno de Musicalização: canto e flauta doce	✓	Walmir Marcelino Teixeira
Caderno preparatório - Iniciação à flauta doce	✓	Elvira Drummond
Doce Flautear	✗	Ana Cristina Rissette Schreiber et al.
Flauta doce – Método de ensino para crianças	✓	Nereide Schilaro Santa Rosa
Flauta doce para grupos iniciantes	✗	Leda Nassif Souza
Flauta doce: Método fácil	✗	Moacyr Braga
Flauta, Ritmo e Percussão	✗	Olga Xavier de Oliveira
Flauteando pelos cantos do Brasil	✓	Viviane Beineke
Iniciação à flauta doce vols. 1, 2 e 3	✓	Judith Akoschky, Mario A. Videla
Iniciando a flauta doce	✗	Carmem Maria Mettig Rocha
Método de flauta doce contralto	✗	Maria Aparecida Mahle
Método de Flauta Doce para Iniciantes – A Flauta Doce Contralto vols. 1 e 2	✓	Laurence Pottier, trad. de Daniele Cruz Barros
Método de Flauta Doce para Iniciantes – A Flauta Doce Soprano vols. 1 e 2	✓	Laurence Pottier, trad. de Daniele Cruz Barros
Método de Iniciação para Jovens e Crianças.	✗	Fernando Mota e Maria Lúcia Cruz Suzigan
Método para flauta doce contralto vols. 1 e 2	✗	Helmut Mönkemeyer
Método para flauta doce soprano	✗	Isolde Mohr Frank
Método para flauta doce soprano (ou flauta doce tenor) vols. 1 e 2	✗	Helmut Mönkemeyer
Minha doce Flauta Doce	✗	Mário Mascarenhas
Minha flauta não pode faltar vols. 1 e 2	✗	Elvira Drummond
Pedrinho Toca Flauta - vols. 1 e 2	✓	Isolde Mohr Frank
Primeiro Caderno de Flauta Block	✓	Maria Aparecida Mahle
Sonoridades Brasileiras	✓	Renate Weiland, Angela Sasse e Anete Weichselbaum
Sopro Novo Yamaha - Aprendendo a ler música	✓	Cristal Velloso
Sopro Novo Yamaha - Caderno de Flauta Doce Contralto	✓	Cristal Velloso
Sopro Novo Yamaha - Caderno de Flauta Doce Soprano	✓	Cristal Velloso (rev.)
Suzuki Flauta Doce, vol. 1	✓	Katherine White, Shinichi Suzuki
Tia Sofia e a flauta doce	✗	Sofia Helena
Tocando flauta doce	✓	Rosa Lúcia dos Mares Guias
Vamos tocar flauta doce vols. 1 e 2	✓	Helle Tirlir
Vem comigo tocar flauta doce - Manual para flauta doce soprano vol. 1	✓	Elisabeth Seraphim Prosser
Volta e meia flautear, vols. 1 e 2	✓	Elvira Drummond

Tabela 1: Os métodos indicados e analisados no guia.

Em um segundo momento, foi feita uma consulta aos participantes para definir quem poderia colaborar e qual seria o método escolhido para análise. Um total de 57 participantes manifestaram interesse em realizar a tarefa. Não foram poucos os casos em que mais de uma pessoa desejava analisar um mesmo método, por isso foi preciso propor uma distribuição mais equilibrada, alinhando as escolhas dos analistas com os métodos que declararam ter maior afinidade. A partir desta distribuição, verificamos que infelizmente não seria possível contemplar todos os métodos propostos, então optamos por deixar somente aqueles aos quais

os participantes declararam ter acesso garantido, fosse ao livro físico ou ao PDF<sup>4</sup>, compreendendo ao final 20 métodos, conforme demonstrado na tabela 1 apresentada anteriormente.

## 1.2 DIRETRIZES PARA ANÁLISE

Definidos os métodos e a distribuição dos participantes para as análises, foi criado um formulário com diretrizes para padronizar a tarefa. Decidimos usar o *Google Forms* para facilitar e melhor controlar o acesso pelos participantes e também para viabilizar a posterior tabulação dos dados. O formulário continha as seguintes questões, elaboradas pela coordenadora do projeto, aqui comentadas:

- ✓ Nome do método;
- ✓ Volume - se possuía mais de um ou era volume único;
- ✓ Nome do(a) autor(a);
- ✓ Tradutor(a), caso houvesse;
- ✓ Editora, local e ano de publicação;
- ✓ Características físicas - formato, dimensões, presença de CD/mídia, outras características que o analista julgasse relevantes;
- ✓ Informações sobre autoria - permitir-nos-ia conhecer um pouco mais sobre o(a) autor(a) do livro;
- ✓ Público alvo - delimitação da faixa etária adequada ao conteúdo de cada método;
- ✓ Objetivos do método - verificar se estavam expressos no livro ou poderiam ser deduzidos pelo analista;
- ✓ Dedilhado adotado (barroco x germânico) - questão que julgamos ser extremamente necessária e importante antes de se escolher um método;
- ✓ Ordem de apresentação das notas - a intenção era aferir se havia uma ordem clara e intencional;
- ✓ Abordagem técnica do método - identificação dos aspectos técnicos trabalhados e sua abordagem;
- ✓ Tipo de instrumentação escolhida - se havia mais uma voz de flauta, acompanhamento de outros instrumentos, etc.;

---

<sup>4</sup> Somente as capas dos métodos foram disponibilizadas no guia, de maneira que todos os direitos autorais foram preservados.

- ✓ Estilos e gêneros predominantes no repertório do livro;
- ✓ Abordagem de outros conteúdos além da flauta doce - leitura musical, improvisação, apreciação, etc.;
- ✓ Estratégias de ensino - solicitamos uma descrição sucinta da proposta metodológica;
- ✓ Nome do participante<sup>5</sup> que analisou o método;
- ✓ Por fim, uma breve consideração sobre as impressões que o participante-analista teve sobre o método, bem como se já havia tido alguma experiência profissional com ele.

Definidas as questões, o formulário foi disponibilizado na sala de aula *Google* e também foi enviado para os e-mails dos participantes, com a estipulação de um prazo para envio das respostas.

### 1.3 COLETA E TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS

Ao término do prazo, não tivemos nenhuma resposta retardatária ou problemas dessa natureza. Porém, como esperado, vieram respostas de todos os tipos e formas. Foi necessário que a coordenadora e os monitores discutissem como padronizar a escrita nas respostas objetivas, mantendo as características dos analistas nas perguntas que permitiam maior subjetividade.

O primeiro passo foi a revisão e conferência dos dados, realizada pelos monitores, com o objetivo de não deixar passar erros ortográficos, informações errôneas ou incompletas no produto final. Quando uma informação não estava preenchida pelo analista, os monitores ficaram responsáveis por completar as informações.

Feitas as devidas correções e adaptações, optamos por usar o programa *Excel* para organizar e sistematizar todo o conteúdo coletado. Acordamos que, para uma melhor organização e visualização, cada método seria posto em uma única página, como se pode ver na imagem abaixo:

---

<sup>5</sup> Todos os participantes estavam cientes e autorizaram a divulgação dos seus nomes no guia.

Nome do método	Volume	Autor/autora	Tradutor (se houver)	Editora, local e ano de publicação	Características físicas
Pedrinho toca flauta	1	Isolde Mohr Frank, com ilustrações de Eberhard Frank		Editora Sinodal, Brasil, 2005	Brochura em formato paisagem, 58 páginas, com ilustrações em preto e branco
	2				Brochura em formato paisagem, 73 páginas, com ilustrações em preto e branco
Informações sobre autoria	Volume	Público alvo	Objetivos	Dedilhado adotado	Ordem de apresentação das notas
Nascida na Alemanha, Isolde Frank começou a estudar flauta doce em casa, mas sempre sonhou com a flauta transversa. Formou-se no instrumento pela Escola Superior de Música de Stuttgart, e fez a especialização em flauta doce, tendo papel fundamental em sua legitimação no Brasil nos anos 1960. Veio para o Brasil, Canoas - RS, depois de casar com Eberhard Frank. Foi convidada por Bruno Kiefer para lecionar no Seminário Permanente da Secretaria Municipal de Cultura e no Seminário Livre de Música de Porto Alegre, onde atuou de 1965 a 1969. Foi convidada para lecionar em cursos de extensão universitária da UFRGS, e ao ser criada o Curso de Licenciatura em Música na década de 1970, foi contratada para lecionar flauta doce no Instituto de Artes. Também fundou o Curso Livre de Flauta Doce e a Orquestra Infanto-Juvenil da Universidade, além de publicar os livros 'Método para flauta doce' (1976), 'Pedrinho toca flauta', volumes I e II (1980 e 1982), 'ABC da música' (2008) e o cancionário 'Vem, amigos, vem cantar' (2009). <a href="https://www.ufrgs.br/musicaempessoa/2010/04/25/isolde-frank/">https://www.ufrgs.br/musicaempessoa/2010/04/25/isolde-frank/</a>	1	Crianças de 6 a 9 anos em fase de iniciação musical	O objetivo do método é a iniciação musical, para isso em seu começo a Isolde faz uma breve descrição sobre experiências em sala e sugestões para os professores ao utilizarem o método, dando sempre importância para leitura tanto melódica quanto rítmica.	Ambos os dedilhados	Dó Lá Ré Sol Si
	2		O objetivo do método é a iniciação musical, em seu começo existem algumas breves recomendações do professor.		Mi F# Mi F# Sol Ré Dó F# Sib

Fig. 1 – Recorte da análise do método “Pedrinho toca flauta”, exemplificando como os métodos estavam dispostos na planilha.

Depois de separados, para uma melhor visualização e dinâmica entre os métodos, foram criados *links* de navegação que permitiam voltar à página inicial e dela navegar por outros métodos:

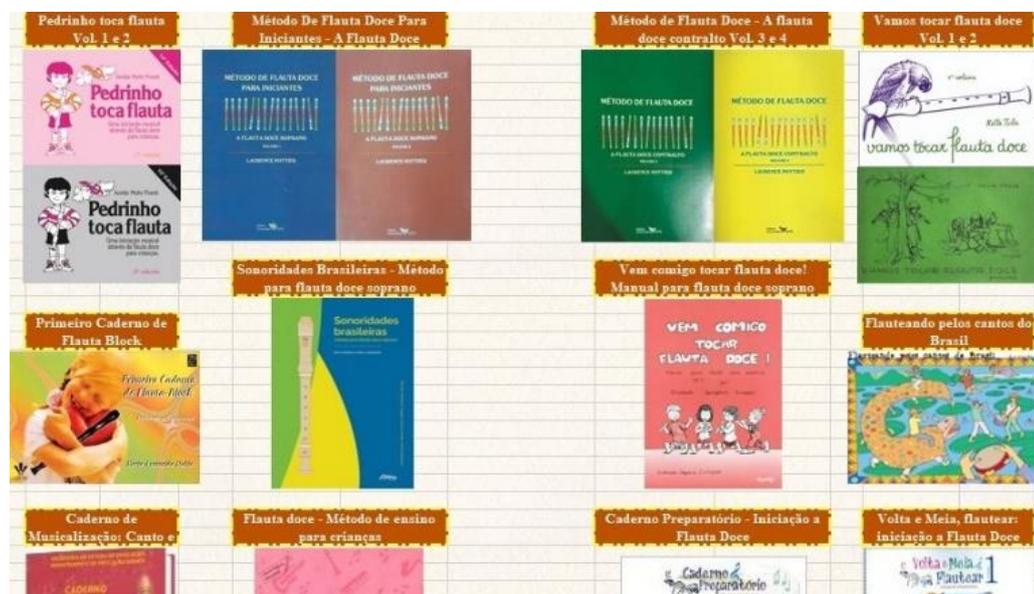


Fig. 2 – Tela inicial da planilha com os métodos *linkados* a seus respectivos dados.

#### 1.4 CONSTRUÇÃO DO FORMATO FINAL DO GUIA

Concluído todo esse trabalho organizacional, discutimos em qual formato ficaria o produto final e como ele poderia ser acessível ao público. Também foi decidido que ele teria uma introdução feita pela coordenadora do projeto. A ideia era apresentar o guia, descrever



Outro problema discutido foi como diferenciar as notas em oitavas diferentes sem incluir os números, já que alguns participantes consideraram o som real da flauta e outros consideraram a posição de leitura da partitura como ponto de partida, respectivamente Dó<sup>5</sup> e Dó<sup>4</sup> na flauta doce soprano<sup>6</sup>. Para isso, utilizamos um sistema de cores: cada oitava ganhou uma cor de acordo com sua posição no pentagrama (conforme demonstrado na introdução do guia) e os campos com a ordem de apresentação das notas foram preenchidos com o nome das notas nas cores preestabelecidas para a oitava.

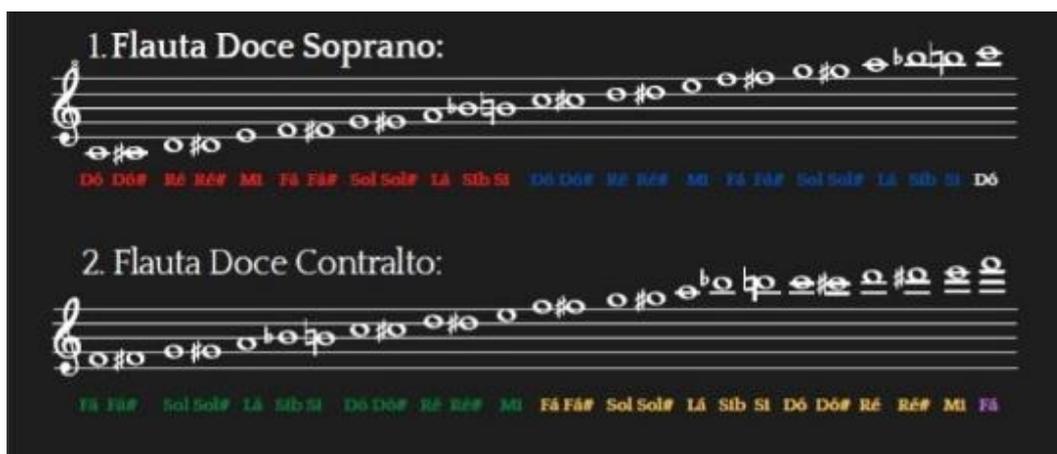


Fig. 4 – Predefinição das notas, suas alturas e suas cores de acordo com as oitavas.

Adicionamos ao guia um sumário com título e capa dos métodos. Porém, ao invés de utilizar paginação, *linkamos* essas capas às suas páginas de análise e ao fim de cada análise adicionamos um botão de início, assim o leitor poderia tocar/clicar direto no método que desejava ver e ao fim tocar/clicar no botão para retornar ao sumário, agilizando o processo de busca sem precisar rolar pelo arquivo.

Com o guia já em sua edição final, mostramos aos participantes e iniciamos a divulgação em nossas redes sociais. Para distribuição do arquivo, optamos por incluí-lo no *drive* da coordenadora e divulgar esse link, que ficou disponível tanto na postagem do *Facebook* quanto na bio do *Instagram* e foram amplamente compartilhadas e acessadas.

<sup>6</sup> Considerando o sistema norte-americano (*American Standard Pitch Notation*) para a numeração e localização das notas musicais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não se constitua em produto de pesquisa formal, o Guia de Métodos para Flauta Doce aqui apresentado, resultado de uma atividade coletiva do projeto de Extensão Universitária Flauta doce em Sistema, cumpriu seu objetivo de reunir parte dos métodos de flauta doce brasileiros ou estrangeiros traduzidos para o português. Encontra-se acessível para *download* nas redes sociais do projeto<sup>7</sup>, está em um formato que possibilita boa navegação e apresenta informações relevantes sobre cada título, realizadas por flautistas e docentes de todo o Brasil.

A diversidade de participantes-analistas, aliás, trouxe para o guia uma visão interessante de como docentes de diferentes regiões e experiências entendem e analisam métodos de flauta doce, especialmente quando houve mais de um participante analisando um mesmo método. O guia é fruto do diálogo e troca de experiências entre especialistas, estudantes e professores de diversos contextos educacionais, mediados pela universidade, na intenção de discutir novos caminhos para os que utilizam a flauta doce em sua prática docente. Nesse sentido, entendemos que tarefas como a proposta para a construção do guia valorizam a Extensão Universitária e a colocam em pé de igualdade em relação ao Ensino e à Pesquisa. Nas palavras de Almeida:

Repensar a extensão enquanto atividade acadêmica significa colocá-la ao lado do ensino e da pesquisa, significa entendê-la como instrumento que vai possibilitar a democratização do conhecimento produzido e ensinado na universidade. Ao mesmo tempo que procura responder às demandas societárias, a extensão mais do que nunca se constitui em uma forma privilegiada de formação profissional, na qual o aluno tem a possibilidade de adquirir conhecimento na realidade social e não tornar-se um profissional aquém da realidade social e demandas de seu tempo. Dessa forma, a extensão apresenta-se como espaço privilegiado de aprendizagem e interação com o mundo de hoje e seu tempo presente. (ALMEIDA, 2015, p.64)

A partir da versão atual do guia, novas pesquisas podem ser realizadas, tais como a verificação e a análise dos dados sobre os métodos, a inclusão de outros dados, ou mesmo o aprofundamento da investigação sobre os autores e as autoras. Por fim, é importante ressaltar que há vários outros métodos de relevo que poderiam estar na seleção mas que, por não serem tão conhecidos ou por terem acessibilidade reduzida, não puderam ser analisados. Assim, espera-se que os trabalhos sejam continuados em outras oportunidades e que se possa, ao longo do tempo, reunir a totalidade dos trabalhos dedicados à flauta doce disponíveis no Brasil.

---

<sup>7</sup> Clique [aqui](#) para acesso ao guia.

## REFERÊNCIAS

AKOSCHKY, Judith; VIDELA, Mario A. *Iniciação à flauta doce*. V.1. São Paulo: Ricordi, 1985.

ALMEIDA, Luciane Pinho. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. *DIRE (DIversités REcherches et Terrains)*, Limoges (FR), n°7, p.56-67, 2015.

MAHLE, M. Aparecida R. Pinto. *Primeiro Caderno de Flauta Block*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1959.

MORAIS, Alessandra de; BARBOSA, Laís Marques. Aprendizagem Cooperativa: conceitos básicos, fundamentação, elementos essenciais, técnicas e métodos. In: MORAIS, Alessandra de; BARBOSA, Laís Marques; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; MORAIS, Mariana Lopes de (org.). *Aprendizagem Cooperativa: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p.25-56.

MONKEMEYER, Helmut. *Método para flauta doce soprano (ou flauta doce tenor)*. Parte 1. São Paulo: Ricordi, 1976.

TIRLER, Helle. *Vamos tocar flauta doce*. V.1. Rio de Janeiro: Sinodal , 1988.

TORRES, Patricia Lupion; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Aprendizagem Colaborativa: Teoria e Prática. In: TORRES, Patricia Lupion (org.). *Metodologias para a Produção do Conhecimento: da concepção à prática*. 1ª ed. Curitiba: SENARPR, vol. 1, 2014, p.61-93.